



PINTURA CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO: PENSANDO UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICO-PEDAGÓGICA

CONTEMPORARY PAINTING AND EDUCATION: THINKING ABOUT AN AESTHETIC-PEDAGOGICAL EXPERIENCE

RESUMO

ARTIGO

Maria Auxiliadora de Almeida Arruda¹
Instituto Federal de Mato Grosso - IFMT
E-mail: maria.auxiliadora@ifmt.edu.br

Reinaldo Gomes de Arruda
Instituto Federal de Mato Grosso - IFMT
E-mail: reinaldo.arruda@ifmt.edu.br

O ensino da arte consiste em um processo formador que propicia a experiência estético-pedagógica essencial ao desenvolvimento da percepção sensível, reflexiva e recíproca do mundo e das coisas do mundo. O objetivo deste estudo é pensar sobre as implicações da pintura contemporânea no contexto escolar a partir da filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty. Assim, realizou-se um estudo valendo-se como pressuposto teórico o pensamento fenomenológico de Merleau-Ponty acerca da arte, da pintura e da percepção, bem como de alguns estudiosos da estética e educação e estética, mediado por imagens visuais (pinturas) produzidas por estudantes do ensino médio em um projeto desenvolvido em 2021, intitulado "Performances da Pintura Contemporânea". Esse pensar mediado pela fenomenologia permite uma experiência formadora emancipatória voltada à produção de sentidos.

Descritores: Ensino da Arte. Fenomenologia. Educação estética. Educação básica.

ABSTRACT

The teaching of art consists of a formative process that provides the aesthetic-pedagogical experience essential to the development of sensitive, reflective and reciprocal perception of the world and things in the world. The objective of this study is to think about the implications of contemporary painting in the school context from the phenomenological philosophy of Merleau-Ponty. Thus, a study was carried out using Merleau-Ponty's phenomenological thinking about art, painting and perception, as well as some scholars of aesthetics and education and aesthetics, as a theoretical assumption, mediated by visual images (paintings) produced by high school students in a project developed in 2021, entitled "Performances of Contemporary Painting". This thinking mediated by phenomenology allows an emancipatory formative experience focused on the production of meanings.

Descriptors: Teaching of Art. Phenomenology. Painting. Aesthetic education. Basic education.

Editor deste número da RECS:
Dr. João Batista Lopes da Silva
Universidade do Estado de Mato Grosso
e-mail: revistaedu@unemat.br

1 INTRODUÇÃO

Os escritores não devem, aqui, subestimar o trabalho do pintor, o estudo do pintor, esse esforço tão semelhante a um esforço de pensamento e que permite falar de uma linguagem da pintura (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 85).

A arte é uma necessidade da existência humana pois, em diferentes tempos, culturas e espaços o homem produziu arte. Em virtude disso, uma conceituação de arte sempre precisa levar em consideração o tempo, o lugar e o contexto cultural. As manifestações artísticas, em suas variadas estéticas, expressões, movimentos e sentidos são incorporados pela cultura através dos tempos, por toda existência humana e estão intimamente ligadas às experiências de quem as produziu, visto que a arte não teve e não tem o mesmo conteúdo e a mesma função em todos os lugares. Desse modo, muitos autores são cuidadosos no que se refere à conceituação e definição dessa criação sublime, fascinante, misteriosa, inquietante e atemporal que é a arte.

Merleau-Ponty (2004) explica que a fenomenologia, bem como o pintor contemporâneo, instiga a percepção da consciência corpórea, que não é aquela percepção pura da cotidianidade e que faz julgamentos sobre as coisas. A percepção para os fenomenólogos não é um mundo fácil de acessar, pois o mundo da percepção estética a que o filósofo se refere é invisível para o olhar inteligível. Então, a tarefa da filosofia fenomenológica é descortinar o olhar inteligível para que possamos sentir, tocar e visualizar com o olhar sensível as coisas da natureza de uma maneira diferente, assim como o que proporciona a pintura contemporânea. No início do trabalho intitulado “O olho e o espírito”, Merleau-Ponty (2004, p. 20) diz: “O pintor, qualquer um que seja, enquanto pinta, pratica uma teoria mágica da visão”.

Para Merleau-Ponty (2004), essa seria a visão subjetiva das coisas invisíveis do mundo que o pintor apreende através da pintura. Assim, o público que a olha deixa de ser observador passivo e passa a ser participante da obra, ou seja, a obra pictórica e o fruidor (sujeito e objeto) se constituem em uma relação mútua. Nesse viés, a pintura contemporânea possui princípios e valores inclusivos, culturais, estéticos, subjetivos, racionais, tanto quanto causa estranheza, inquietação, recusa e reflexão, pois a imagem é descortinada pela percepção estética.

Assim, o contato com a arte contemporânea no universo escolar permitiria uma visão da arte como processo ativo, dinâmico e emancipador que não se relaciona apenas com um passado distante, mas com o atual momento em que vivemos, posto que a arte contemporânea está implicada na essência do passado e com o olhar no presente. Nesse sentido, a arte contemporânea consiste “em romper sua aderência ao envoltório das coisas, o que pode exigir que se criem novos materiais ou novos meios de expressão, mas algumas vezes se faz por reexame e reinvestimento dos que já existiam” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 38).

O pensar do ensino da arte na escola dialoga com o pensamento ontológico de Merleau-Ponty sobre a pintura contemporânea, pois essa concepção filosófica, valoriza o visível, o sensível e considera a percepção corpórea capaz de apreender as coisas existentes no mundo e implica a experiência intersubjetiva e experiência estética como possibilidade formadora.

É pertinente ressaltar que a percepção para Merleau-Ponty não é o puro ver e sentir, tampouco uma cópia da realidade ou do mundo exterior. A percepção é construída. “Ela é como uma rede cujos nós aparecem cada vez mais claramente” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 34). Nesse viés, a experiência estética, “síntese do entrecruzamento da reflexão com o sentimento é para a experiência educativa uma nova mediação que pode ocasionar outros sentimentos e outras reflexões” (FURTADO, 2009, p. 158).

Assim, com o objetivo de pensar sobre as implicações da pintura contemporânea no contexto escolar a partir da filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty, realizou-se um estudo valendo-se como pressuposto teórico o pensamento fenomenológico de Merleau-Ponty sobre arte, pintura e reflexão docente, mediado pelo uso de imagem visual (BAUER; GASKELL, 2002), isto é, de pinturas produzidas por estudantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio de um *Campus* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, no desenvolvimento do projeto de extensão: Performances da pintura contemporânea, desenvolvido no período de junho a dezembro do ano letivo de 2021 durante as aulas do componente curricular de Artes.

A fenomenologia, quer dizer, o estudo do fenômeno, por sua vez, fenômeno, etimologicamente significa luz, brilho, conduz a uma busca de um pensamento coerente e

verdadeiro. Nesta perspectiva filosófica, acredita-se que as coisas se apresentam como são, sem interferência das idealizações intelectuais e objetivas. Filosoficamente, há uma inversão com relação à orientação racional a que se está habituado. Pela explicação da fenomenologia, não são os seres no mundo que interferem nas coisas. Pelo contrário, são as coisas que se apresentam aos seres de forma autônoma, isto é, que se mostram e se deixam revelar. Nesse sentido, a consciência, para os fenomenólogos, sempre será uma consciência de alguma coisa e o objeto sempre será objeto para uma consciência. Sendo assim, não existe o objeto em si isolado de uma consciência que conhece. Por isso, o objeto é um fenômeno (CARMO, 2002).

Matthews (2011) aponta que a fenomenologia, de acordo com as considerações de Merleau-Ponty, está condizente com os pressupostos do subjetivismo por reconhecer que toda experiência humana, no que diz respeito às aparências das coisas, é uma narração particular dos fenômenos. Então, deve ser essencialmente a narração de uma experiência subjetiva. Todavia, uma vez que esse sujeito é Ser-no-mundo e cuja aparência está implicada com o mundo, e, por isso, uma narração da experiência subjetiva não é uma narração de algo essencialmente interior, mas de nossas implicações com o mundo existente, independentemente da experiência que temos do mundo.

Furtado (2009) explica que o questionamento inconstante possibilita a obtenção do rigor fenomenológico e as agitações que constituem a organização geradora do Ser. A corporificação de sentido, procurando as diversas incumbências de expressão do fenômeno no mundo, aparece como uma prática constante, impondo que as coisas do mundo façam sentido, pois é a concentração do espírito sobre si mesmo a essência do pensar da fenomenologia.

Por fim, esse trabalho primeiramente traz uma discussão sobre a pintura contemporânea na escola, seguida por uma reflexão acerca da experiência estético-pedagógica e, por último, uma análise da relação entre educação e estética mediada pela fenomenologia.

2 UM PENSAR SOBRE A PINTURA CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA

A filosofia, especificamente a fenomenologia ontológica de Merleau-Ponty, permeia essa discussão, com foco nas implicações do olhar perceptivo do pintor e sua capacidade de apreensão da visibilidade corpórea das coisas do mundo através da pintura de uma maneira renovada. Com efeito, um artista contemporâneo pensa e apreende o mundo vivido por meio da pintura, pois seu olhar não é fixo, mas dinâmico.

Merleau-Ponty acredita que enquanto a humanidade existir, daqui a milhões de anos, a pintura existirá, ou seja, a pintura faz parte da existência humana desde os primórdios e se renova através dos tempos pela visibilidade corpórea do pintor que “pensa por meio da pintura” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 33). Nesse sentido, a pintura não é uma representação do mundo, é o próprio mundo, a pintura é a visibilidade das coisas do mundo proveniente da percepção sensível transformada em gesto e movimento corpóreo do artista, o qual com seu estilo tem a capacidade de apreender a visão real da natureza.

O autor afirma ainda que o estilo para o pintor (contemporâneo) é muito mais do que uma representação das coisas do mundo, como se o estilo pudesse ser reconhecido e desejado independentemente de qualquer contato com o mundo, como um fim. Portanto, é preciso visualizar a sua aparência no fundo da percepção do pintor, enquanto um Ser-no-mundo que pinta. “Não tem modelo exterior, a pintura existe antes da pintura” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 84).

Assim, a percepção do pintor está na imagem, se materializa na imagem pictórica. O estilo é em cada pintor o sistema de equivalências que ele se constituiu para essa obra de manifestação, o índice universal da “deformação coerente” pela qual concentra o sentido ainda esparso em sua percepção e o faz sentir expressamente. A obra não é feita longe das coisas e em algum laboratório íntimo, cuja chave só o pintor e mais ninguém possuiria: olhando flores verdadeiras ou flores de papel, ele se reporta sempre ao mundo, como se o princípio das equivalências pelas quais vai manifestá-lo estivesse sempre aí sepultado (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 85).

Assim, denota-se que os fundamentos das pinturas de Paul Cézanne ecoam na contemporaneidade e se tornam tão atuais a ponto de o pintor ser considerado o Pai da Arte Moderna e, quem abriu caminho para a arte contemporânea. Os artistas modernos do começo do século XX e os da arte contemporânea não consideram a verdade pictórica da semelhança

entre a pintura e o mundo. Eles acreditam em uma verdade que parte do entrelaçamento da pintura consigo mesmo, com uma expressão única. Merleau-Ponty (2004) afirma que, os pintores “transformam o mundo em pintura, aquela que, dos seus primórdios à sua maturidade, modifica-o em si mesmo, e por fim aquela que, em cada geração, proporciona a certas obras do passado um sentido que não se havia percebido” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 88).

Na pintura de Paul Cézanne denominada de “Natureza-morta”, percebe-se que o pintor esticou bruscamente para esquerda a fruteira, de modo a encher um vazio do lado direito da obra. Presume-se que a intenção do artista seja estudar as relações mútuas, todas as formas espalhadas sobre a mesa, que está inclinada para mostrar todos os elementos sem que nenhum se sobreponha ao outro. Essa imagem comprova a contribuição do triunfo do pintor para um novo caminho que a arte viria a trilhar, pois nela nota-se o esforço da pesquisa para se chegar à sensação de profundidade sem sacrificar a luminosidade das cores e para construir um arranjo ordenado em uma perspectiva que realmente desvela as coisas na sua origem.

É pertinente salientar que o conceito de arte contemporânea não deve ser analisado no sentido literal da palavra, pois “não dispõe de um tempo de constituição, de uma formulação estabilizada e, portanto, de reconhecimento” (CAUQUELIN, 2005, p. 11). Nesse sentido, apreender a concepção da arte como contemporânea necessita estabelecer critérios para discernir as produções denominadas contemporâneas das demais manifestações da arte. Porém, esses critérios não podem ser analisados somente pelo conteúdo das obras, por suas formas, pelas composições, pelos materiais aplicados, ou pelos movimentos artísticos. Além disso, necessita considerar a dispersão e a pluralidade do que há de mais recente no campo da arte (CAUQUELIN, 2005). E, ainda, no que diz respeito à arte da atualidade, não se deve pensar a arte contemporânea só no campo comunicacional, mas também no campo da estética.

Conforme Merleau-Ponty (2004), conhecer o mundo visualmente é uma operação do olhar. Por isso é pertinente dizer que existe uma comunicação estreita entre o mundo da obra e o mundo propriamente dito. A pintura não é mais somente contemplativa, isto é, como se fosse a visão de uma janela. Nesta conjuntura, a profundidade, até então, comum na arte clássica, não pertence mais à estética dos movimentos artísticos contemporâneos.

Hoje, a pintura se mistura com o mundo, faz parte do mundo que, por sua vez, é percebido e sentido pelo olhar corpóreo. A respeito da pintura da primeira metade do século XX, Merleau-Ponty afirma que ela confunde nossas categorias. Do mesmo modo, na pintura contemporânea o pintor não produz objetos e sim sujeitos pensantes que pensam não por palavras, mas por significações silenciosas que provém não do pensamento do artista e sim do pensamento da obra. Nessa perspectiva, a pintura materializa o pensamento, o olhar do pintor sobre as coisas do mundo e da sua própria existência. Assim, a pintura contemporânea causa inquietação.

A partir de tudo o que foi dito, a educação do olhar corpóreo é essencial porque possibilita ao estudante o exercício de aprender a olhar a obra, não como se olha uma coisa fixa em um lugar determinado, mas aprender a olhar além do que se vê, além das cores, luzes e linhas. Conforme Merleau-Ponty (2004), nossos olhos têm o dom do visível e esse dom se conquista pelo exercício, pois o olho vê o mundo e só se aprende vendo e por si mesmo.

Nesse contexto, Buoro (1996) acrescenta que o olhar do estudante para o conteúdo pictórico propicia a descoberta da demonstração espacial e das relações formais em elementos que o mesmo destaca e reorganiza segundo um critério próprio e individual. Estes exercícios são predominantemente reprodutivos, narrativos e descritivos. O estudante aprende a ler, a reconhecer e a recriar a partir deles.

A criação e transgressão do código a partir do conhecimento só acontecerá no momento em que o estudante já tiver algum domínio da linguagem plástica, pois nas faixas etárias iniciais eles ainda estão no percurso de construir e ampliar o repertório básico da percepção do mundo. Em relação aos elementos expressivos da pintura, Merleau-Ponty diz: “Esse olhar pré-humano é o emblema do olhar do pintor. Mas completamente que as luzes, as sombras e os reflexos, a imagem especular esboça nas coisas o trabalho da visão” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 22).

A questão de buscar entender a visibilidade do pintor materializada nas imagens pictóricas mostra-se pertinente como temática central de um projeto progressista educacional que almeja construir conhecimento a partir das artes plásticas, pois conduz às experiências de aquisição de um repertório imagético verdadeiro, que mostra verdadeiramente as coisas do

mundo. Desse modo, o processo da leitura das imagens do mundo apreendida na pintura vai nutrir de imagens a imaginação do aluno e desenvolver o seu repertório imagético, conseqüentemente o cultural, artístico e estético, possibilitando as recombinações e produções de novas imagens do mundo por meio da imaginação criadora (BUORO, 1996).

Nesse sentido, Aranha (2008) elaborou um quadro metodológico para criação do fenômeno estético tendo o olhar como mola propulsora, ou seja, para o exercício do olhar: 1º movimento: Aquecendo o corpo reflexivo e o ver com sinais visuais e sentidos estéticos. Ver linhas e tensões entre formas, luz na linha e na forma, espacialidades, materiais e técnicas. 2º movimento: Situando a movimentação fenomenológica no conhecimento visual. Ver/pesquisar/desenhar. Buscar correlações visuais entre linha, luz e espaço, interrogações visuais e história da arte. 3º movimento: Correlacionando sinais visuais do mundo e sentidos de experiências com a interrogação visual. Ver/pesquisar. Um contínuo visual, tematização e história da arte fazendo projeções. 4º movimento: Aproximação do fenômeno estético. Ver/pesquisar/expressar. Escrever o visível, a história visual.

Por fim, é importante enfatizar a necessidade do ensino da experiência estética com as linguagens artísticas, especificamente com a pintura no contexto deste trabalho, porque envolve a correlação entre educação e estética no sentido de buscar a ressignificação da perspectiva estética da experiência humana como uma possibilidade formadora na perspectiva da emancipação humana. No bojo dessa experiência, a arte constitui-se como um processo formador.

2.1 A EXPERIÊNCIA ESTÉTICO-PEDAGÓGICA

Furtado (2009), ao estudar a obra intitulada “Fenomenologia da experiência estética” de Mikel Dufrenne - principal referência da estética contemporânea enquanto produção isolada sobre a temática - ressalta que a experiência é o modo de experimentar o mundo em suas várias possibilidades, de ser e de estar no mundo, sendo atravessado ao mesmo tempo em que atravessa os acontecimentos. A partir desse conceito de experiência que se chega à experiência estética, que pode ser compreendida a partir das referências conceituais da obra de Dufrenne (FURTADO, 2009).

Na obra “Fenomenologia da experiência estética”, a discussão dufrenneana da estética é centrada na percepção estética, que é constituída pelos níveis de 1º) presença, 2º) representação e 3º) reflexão. No primeiro nível a reflexão é pré-reflexiva, o objeto existe e é significado pelo corpo a partir da interação com o mundo, do que pelo pensamento; o avanço para o segundo nível, a representação engloba o que é pensado sem abandonar a importância do corpo, e o terceiro momento constitutivo da percepção é a reflexão, sua função é de corrigir a imaginação, controla-la e exercer seu juízo sobre ela (FURTADO, 2009).

Ademais, a relação entre o objeto e a percepção é demonstrada na experiência estética que leva ao sentir – o ápice do processo perceptivo para Dufrenne. Em outras palavras, Dufrenne afirma que a experiência estética é estruturada na relação de solidariedade, na reciprocidade do sujeito com o objeto, com outros sujeitos e com o mundo.

A experiência estética pode ser descoberta na partida de todas as rotas que a humanidade percorre: ela abre o seu caminho à ciência e à ação. E é claro porque: ela se situa na origem, naquele ponto em que o homem, confundido inteiramente com as coisas, experimenta sua familiaridade com o mundo. A natureza se desvenda para ele, e ele pode ler as grandes imagens que ela lhe oferece. (DUFRENNE, 1998, p. 30-31)

Furtado (2009) diz que concorda com António Pedro Pita (1999), quando enfatiza a concepção de Dufrenne sobre experiência estética como a experiência do sentir. Para isso, a relação entre o corpo e objeto é necessária, mas é imprescindível que essa relação seja estabelecida pela reflexão.

Nesse sentido, a experiência estético-pedagógica como abertura para aprender, desaprender e reaprender a ver o mundo, é uma ação estesiológica e ontológica, revigorada na experiência estética. Por conta disso, a correlação entre educação e estética sob o prisma da fenomenologia enquanto método sugere uma compreensão da essência e sua interpretação pelo viés da existência e supera qualquer reducionismo (FURTADO, 2009).

A experiência estética pode acrescentar muito à educação, na medida em que promove o aguçamento da percepção, por uma observação mais atenta que permite descobrir todos os detalhes da obra, e ainda na medida em que se aprende a captar o conjunto de suas aparências” (FURTADO, 2009, p.153).

Ainda conforme a autora, ao captar o conjunto das aparências se apreende a realidade como um todo dinâmico, intuitivo, sensível, além de desenvolver a imaginação e a capacidade de analisar a totalidade, resultando no enriquecimento e alargamento do saber.

Nessa direção, Merleau-Ponty argumenta que:

A percepção é como uma rede cujos nós aparecem cada vez mais claramente. Apresentou-se um quadro do “pensamento primitivo” que só se compreende bem se reportamos as respostas dos primitivos, seus enunciados e a interpretação do sociólogo, ao fundo de experiência perceptiva que todas elas procuram traduzir. É ora a aderência do percebido a seu contexto e como que sua viscosidade, ora a presença nele de um determinado positivo, que impedem os conjuntos espaciais, temporais e numéricos que se articulam em termos manejáveis, distintos e identificáveis. E é este o domínio pré-objetivo que precisamos explorar em nós mesmos se queremos compreender o sentir” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 34).

Ademais, a percepção estética, com seus aspectos: presença, representação e reflexão, têm no *a priori* afetivo sua síntese como processo formador. A experiência estética sintetiza o entrecruzamento da reflexão com o sentimento, de maneira que é para a experiência educativa uma nova mediação que pode ocasionar outros sentimentos e outras reflexões. A própria reciprocidade estrutural da experiência estética se manifesta como um pressuposto necessário para a manifestação do estético no campo pedagógico (FURTADO, 2009).

Pillar (2008) argumenta que a educação estética se justifica pela visão do Ser humano que é limitada, pois se vê o que se compreende e o que se tem condições de entender, o que é significativo. Trabalhos da área da genética comprovam que o cérebro humano consegue assimilar apenas parte das muitas informações que recebe. Da mesma maneira, o olhar não é instantâneo, uma vez que ele capta apenas algumas das inúmeras informações visuais presentes no cotidiano e precisa de processos individuais complexos para ver. Na verdade, o humano não consegue apreender o mundo tal qual ele é, já que constrói mediações, filtros, sistemas simbólicos para conhecer o entorno e se conhecer.

Assim, a educação no encontro com a estética e na reciprocidade entre a experiência e a consciência é, na perspectiva fenomenológica, essencial para a ocorrência da atitude estética diante do mundo e das coisas do mundo, pois invoca no olhar comunicante do sujeito, a abertura ao mundo da obra na formação da consciência (FURTADO, 2009).

Furtado (2009) ainda argumenta que é preciso pensar a educação contemporânea como aquela que trabalha contra si, desenvolvendo possibilidade de superação das impossibilidades apresentadas no cotidiano, criando ideias e propostas que não se esgotem no presente, mas inconclusas, se inquietem, confrontem e questionem a si mesmas, assim como as concepções educativas já formuladas.

Essa reflexão do pensar a arte é muito importante no processo do ensino pedagógico, pois insere a estética ao sistema formal de ensino educacional, na resignificação da experiência estética, na emancipação cidadã e na possibilidade de produzir sentidos às experiências existenciais dos estudantes. Dessa forma, vale destacar ainda, que a pintura não é uma representação da realidade imediata, e isso fica evidente nos movimentos da arte contemporânea que rompem de vez com a pintura objetiva, isto é, da estética clássica que valoriza a imitação fiel da natureza. Os artistas contemporâneos estão propondo o novo, por meio da sensibilidade para representar as experiências do mundo interior e suas implicações com a natureza e o universo cultural. Nesse caso, a pintura mobiliza as percepções, sensações, sentimentos e emoções.

Portanto, é importante pensar que a compreensão da arte e da pintura contemporânea não está dissociada da experiência humana, pois uma produção artística traz consigo ideias elaboradas de maneira sensível, perceptível, inquietante, criativa e estética pelo artista. Logo, a

arte, no seu processo de ensinar e aprender envolve muito mais do que uma representação das coisas do mundo, ou reprodução de modelos exteriores, compreende o desenvolvimento da percepção do Ser como um Ser-no-mundo, ou seja, um Ser que através da percepção corpórea sente, reflete, se liga e se abre ao mundo. Nesse pensar, a formação estética precisa ter seu lugar privilegiado no ensino da arte na contemporaneidade.

3 ENSINO DA ARTE E ESTÉTICA: UMA EXPERIÊNCIA FORMADORA

É importante trabalhar com as representações imagéticas da arte, pois é no processo de ensino e aprendizagem que supõe a conjugação da formação estética e educacional, que proporciona a ressignificação da experiência humana na visão da estética, como possibilidade de liberdade do indivíduo e da produção dos sentidos da existência humana. Desse modo, a imagem incita o pensamento, inclusive, a pintura, pois nos proporciona algo para pensar, nos instiga, provoca e convoca a pensar e a sentir. “Ora, a arte, e especialmente a pintura, abeberam-se nesse lençol de sentido” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.15).

Nesse viés, este artigo faz uma análise de algumas das pinturas produzidas por estudantes de cursos técnicos integrados ao nível médio de um *Campus* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), no desenvolvimento do projeto: Performances da pintura contemporânea, desenvolvido no período de junho a dezembro do ano letivo de 2021 durante as aulas de Artes. Esse projeto envolveu vinte estudantes de todas as séries do ensino médio que se prontificaram a participar do mesmo, durante o período da pandemia da Covid 19. Nesse contexto, as orientações aos estudantes foram realizadas em encontros semanais via *Google Meet*. O projeto foi financiado pela Pró-Reitoria de Extensão do IFMT, pelo Edital nº 37/2001. Devido ao financiamento, os materiais de pintura foram adquiridos, organizados e entregues para cada estudante realizar os trabalhos em casa. São expostos a seguir, alguns resultados.

A Figura 1 é uma pintura titulada de *Conexões* (2021), portadora de conhecimento sensível e inteligível, ou seja, compõem-se de diferentes elementos expressivos, tanto abstratos ou invisíveis, quanto figurativos ou visíveis. Traz aparências e essências da natureza e dos aspectos existenciais. Bem diferentes dos pintores clássicos que reproduziam cópias fiéis da natureza, nem tão pouco como os impressionistas da Arte Moderna, que queriam exprimir impressão da natureza pela incidência da luz do sol nos objetos captados ao ar livre. Como diz Merleau-Ponty (2004, p.20) “a pintura desperta” e a pintura *Conexões* (2021) de uma estudante do segundo ano do ensino médio integrado ao curso de Administração do IFMT, pode despertar conhecimentos de elementos estruturais da microbiologia, mitologias e valores simbólicos da cultura humana.

Figura 1 - Conexões (2021). Tinta acrílica sobre tela, dimensão (40cm x 60cm).



Fonte: Projeto: Performances da pintura contemporânea. IFMT/PROEX - Edital 37/2021.

A Figura 2 é uma pintura titulada de *Empoderamento* (2021) de uma estudante do terceiro ano do ensino médio integrado ao curso de Administração do IFMT, traz nas cores, linhas, ideias e formas um olhar crítico e sensível expresso no seu corpo (autorretrato). Ela, na silenciosa e inquietante linguagem da pintura exprime a sua verdadeira experiência estética como Ser-no-mundo. É uma pintura que questiona uma essência racial desumanizadora definida *a priori*, e pressupõe a construção da liberdade e do reconhecimento do ser na intersubjetividade. Embora tecnicamente, essa estudante mistura tintas na paleta antes de plasmar na tela e alisa a superfície da pintura, prática parecida com a técnica acadêmica, o resultado estético de sua obra é diferente pois, levemente nota-se uma geometrização alongada da forma que se diferencia como que propositalmente dos cubistas eurocêntricos, a fim de propor um olhar questionador do olhar eurocentrado. O laranja vibrante nos fundos da pintura e nos olhos da imagem chama à desalienação do ver, do sentir e do pensar a existência humana, como mostra a Figura 2.

Figura 2 - Empoderamento (2021). Tinta acrílica sobre tela, dimensão (40cm x 60cm).

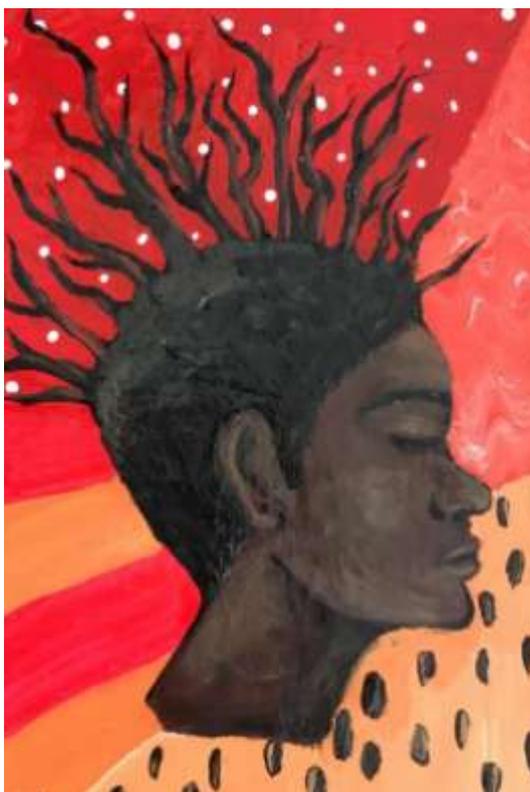


Fonte: Projeto: Performances da pintura contemporânea. IFMT/PROEX - Edital 37/2021.

Merleau-Ponty (2004) afirma que o olho é corpóreo, isto é, o olho seria o próprio corpo, uma vez que o corpo é que tem a capacidade da percepção do mundo. Não é por acaso que a filosofia de Merleau-Ponty é chamada de filosofia do corpo, pois ele resgata a importância do corpo, relegada pela filosofia clássica ocidental, reabilitando a valorização do corpo como fundamentação para todo conhecimento humano. Assim sendo, implica em não considerar o corpo simplesmente como objeto. Em vez disso, ele trata o corpo como um Ser que tem experiência adquirida em contato com o mundo. Merleau-Ponty (2004, p. 22) diz: “Penso que o pintor deve ser transpassado pelo universo e não querer transpassá-lo”.

A Figura 3 é uma pintura de um estudante do segundo ano do ensino médio integrado ao curso de Agricultura do IFMT, titulada de *Poder Ser* (2021) assim como a pintura anterior, traz nas cores, linhas, ideias e formas um olhar crítico e sensível expresso no seu corpo (autorretrato). Um corpo como um ser que se abre para novas experiências no mundo e para o mundo pelo viés da sua própria existência, conforme mostra a Figura 3.

Figura 3 – Poder Ser (2021). Tinta acrílica sobre tela, dimensão (40cm x 60cm).



Fonte: Projeto: Performances da pintura contemporânea. IFMT/PROEX - Edital 37/2021.

Nessa perspectiva, o ensino da arte e da pintura precisa ser mediada pela experiência estética, para a experiência do sentir como um conteúdo essencial, com a expectativa de alcançar uma experiência perceptiva aguçada, crítica, sensível, dinâmica, recíproca, inclusiva, democrática e autêntica das coisas do mundo e do Ser no mundo. Nesse sentido, pode-se pensar que o método da fenomenologia é também um método de ensino e aprendizagem.

A Figura 4 é uma pintura de uma estudante do terceiro ano do ensino médio integrado ao curso de Administração do IFMT, titulado de *Ser* (2021) que traz uma proposta pictórica composta somente por um elemento expressivo, um rosto humano, independente do gênero. A sua arte não se prende à objetividade do aprendizado técnico da pintura clássica, embora percebe-se uma notória influência expressionista, como: deformação proposital, tema melancólico, colorismo, pinceladas de tintas misturadas de forma frenética diretamente na tela, contornos imprecisos. Merleau-Ponty (2004, p. 131) diz: “O espírito se vê e se lê nos olhares, que, no entanto, são apenas conjuntos coloridos”. É uma pintura que provoca sensações que só são possíveis de serem apreendidas pela percepção sensível do corpo, conforme mostra a Figura 4.

Figura 4 - Conexões (2021). Tinta acrílica sobre tela, dimensão (40cm x 60cm).



Fonte: Projeto: Performances da pintura contemporânea. IFMT/PROEX - Edital 37/2021.

A Figura 5, é uma performance pictórica com luzes que envolve a manipulação de imagens com programas de computação gráfica, titulada de *Pintura e performance* (2021). Foi desenvolvida por um estudante do terceiro ano do ensino médio integrado ao curso de Administração do IFMT, que durante a execução do projeto, se interessou pelas possibilidades expressivas da arte contemporânea, como a instalação, intervenção, fotografia contemporânea, etc. A partir disso, desenvolveu e apresentou sua arte, *Pintura e performance*, com luzes, uma proposta de pintura em que se pinta e/ou desenha utilizando luzes capturadas por fotografias, ou seja, por técnicas que consistem na captura das luzes através de fotografias e manipulação de programas de computação gráfica. Esse conhecimento é influenciado pela *Light Painting*, termo utilizado pela primeira vez em 1977 pelo estadunidense, Dean Chamberlain, considerado um dos pais dessa linguagem contemporânea. A Figura 5 mostra um trabalho artístico instigante pela junção da arte e inovação tecnológica na comunicação visual.

Figura 5 – Pintura e Performance (2021). Luzes, fotografias e manipulação de programas de computação gráfica.



Fonte: Projeto: Performances da pintura contemporânea. IFMT/PROEX - Edital 37/2021.

Assim, a filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty considera o ser humano como Ser-no-mundo que precisa reaprender a olhá-lo com a subjetividade corpórea perceptiva. A tarefa educacional é descortinar o olhar inteligível para que se possa sentir e visualizar com o olhar sensível e desenvolver a experiência estética como proporciona a pintura contemporânea.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia ontológica de Merleau-Ponty é uma possibilidade de fundamentar a prática pictórica e de compreender a pintura como criação, reflexão, ressignificação e transfiguração do mundo objetivo e subjetivo por meio da percepção corpórea, que vê e apreende tanto as coisas visíveis como as coisas invisíveis do mundo. Essa contribuição é necessária no ensino da arte porque correlaciona a estética e a educação, permite ressignificar a perspectiva estética da experiência humana como uma oportunidade de aguçamento da percepção e de produção de sentidos, sobretudo daqueles de caráter emancipatório.

Espera-se que este trabalho possa subsidiar a reflexão do leitor e a ação estético-pedagógico em relação ao ensino da arte na escola, principalmente nas intervenções pedagógicas dos conceitos estéticos da pintura. A pintura contemporânea, na perspectiva da fenomenologia, é instigadora, recíproca, coletiva, racional, sensível e repleta de sentidos. Ainda está em constituição porque transfigura e/ou prefigura outras pinturas do passado, ela está em constante transformação, em todos os aspectos da sua constituição, mas precisa de mais tempo para descortinar e elaborar, quem sabe, a sua definição conceitual e estética.

Dessa forma, as pesquisas pictóricas de Merleau-Ponty sobre o conhecimento filosófico da visibilidade coloca a pintura moderna em evidência e, conseqüentemente, a pintura contemporânea que são portadoras de expressões verdadeiras e coerentes devido a capacidade de visão e apreensão das coisas da natureza por meio da percepção corpórea do pintor que tem a capacidade de ver a distância e, até mesmo acessar todos os aspectos do Ser. Pelo fato de vivermos hoje rodeados por conteúdos imagéticos, que são componentes essenciais para a comunicação social, este trabalho de pesquisa aponta a necessidade de alfabetização visual e a importância da finalidade do ensino arte na escola, principalmente, no que tange à educação estética que dá sentidos e confere à imagem, do ponto de vista semântico, o domínio do tempo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ARANHA, C. S. G. Exercícios do olhar no MAC USP. **Domínios da imagem**, Londrina, v. II, n. 3, p. 45-54, nov. 2008.

BAUER, M.W. & GASKELL, G. (org.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som** – um manual prático. Tradução de Pedrinho Guareschi: Petrópolis: Vozes, 2002.

BUORO, A. B. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 1996.

CARMO, P. S. **Merleau-Ponty**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2002.

CAUQUELIN, A. **Arte contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUFRENNE, M. **Estética e filosofia**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FURTADO, R. M. M. A experiência estética como experiência formadora. In: COELHO, Ildeu. M. (org.). **Educação, cultura e formação**: o olhar da filosofia. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2009, p. 139-162.

MATTHEWS, E. **Compreender Merleau-Ponty**. Tradução: Marcus Penchel. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne. Tradução: Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. Prefácio de Cláudio Lefort. Posfácio de Alberto Tassinari. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

_____. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

PILLAR, A. D. A Educação no Olhar no Ensino da Arte. In: BARBOSA, A. M. (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 71-84.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez/Autores associados, 2002.

i Sobre os autores:

Maria Auxiliadora de Almeida Arruda (<https://orcid.org/0000-0003-3443-5099>)

Doutora em Sociologia. Mestre em Ciências Ambientais. Graduada em Pedagogia. Professora efetiva no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso-IFMT - Campus Várzea Grande. Professora no Mestrado em Ensino IFMT/UNIC. Líder do Grupo de Pesquisa: Branquitude. Racismo. Desigualdades: interfaces com políticas públicas educacionais e as implicações no acesso à educação superior. Coordenadora do Projeto aprovado pela Capes Edital 37/2022 PDPG Alteridade na Pós-Graduação: Políticas de ação afirmativa na pós-graduação stricto sensu em Institutos Federais de Educação: a questão do acesso e permanência dos discentes.

Reinaldo Gomes de Arruda (<https://orcid.org/0000-0002-1509-7103>)

Graduado em Artes Plásticas pela Universidade de Cuiabá - UNIC - Cuiabá-MT. Mestre em Educação pela UFG. Professor efetivo da área de Artes do Instituto Federal de Mato Grosso - IFMT - Campus São Vicente.

Como citar este artigo: ARRUDA, Maria Auxiliadora de Almeida; ARRUDA, Reinaldo Gomes de. Pintura contemporânea e educação: pensando uma experiência estético-pedagógica. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, vol. 13, n. 1, p. 117 - 128, 27ª Edição, 2023. <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs>

A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma publicação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil, iniciada em 2011 e avaliada pela CAPES.

Indexadores: DOAJ – REDIB – LATINDEX – LATINREV – DIADORIM – SUMARIOS.ORG – PERIÓDICOS CAPES – GOOGLE SCHOLAR